



ACESSIBILIDADE E AUDIOVISUAL: A AUDIODESCRIÇÃO NO DOCUMENTÁRIO CATADORA DE GENTE

ACCESSIBILITY AND AUDIOVISUAL: AUDIO DESCRIPTION IN THE DOCUMENTARY CATADORA DE GENTE

Ana Rossetto **1**
Daniel Silva **2**
Michele Negrini **3**

Resumo: A audiodescrição é uma ferramenta de acessibilidade para a comunicação que beneficia pessoas com deficiência visual, permitindo a minimização de disparidade no recebimento de informações. O presente artigo tem por objetivo analisar como esse recurso é utilizado em documentários, com enfoque no curta Catadora de Gente, observando se a descrição de cenas e de personagens é feita de modo a contribuir com a transmissão de conteúdos visuais para pessoas com deficiência visual. Isso será feito através dos estudos sobre a audiodescrição do documentário em análise, através da perspectiva exploratória e do método observacional.

Palavras-chave: Audiodescrição. Acessibilidade. Audiovisual. Documentário.

Abstract: Audio description is an accessibility tool for communication which benefits people with visual impairments, allowing the minimization of disparity in receiving information. This article aims to analyze how this resource is used in documentaries, with a focus on the short film Catadora de Gente, observing if the description of scenes and characters is done in order to contribute to the transmission of visual content to people with visual impairments. This will be done through studies on the audio description of the documentary under analysis, through the exploratory perspective and the observational method.

Keywords: Audio Description. Accessibility. Audiovisual. Documentar.

-
- 1** Graduanda do 7º semestre do curso de Jornalismo na Universidade Federal de Pelotas - E-mail: ana.c.rossetto@hotmail.com
 - 2** Graduado em Jornalismo pela Universidade Federal de Pelotas. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5785263168951082>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4673-1744>. E-mail: batista.daniel10@gmail.com
 - 3** Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas . Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9158823819923143>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2999-0186>. E-mail: mmnegrini@yahoo.com.br
- 

Introdução

Vivemos em um mundo de diversidade. Temos inúmeros acontecimentos à nossa volta a todo instante. As artes se reinventam, nascem novas tendências em arquitetura, moda, literatura, teatro; e para a contemplação de todas essas instâncias, na maioria das vezes, a visão é precíua para se ter uma experiência mais plena. É um mundo baseado no ver. No entanto, a estimativa é de que cerca de 35,8 milhões de brasileiros possuíam deficiência visual, sendo que 6 milhões teriam grande dificuldade de enxergar e 506 mil apresentavam completa perda de visão, segundo dados do CENSO 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010).

Assim sendo, as pessoas com deficiência visual passam por uma exclusão social, intelectual e cultural, sendo vistas, muitas vezes, com indiferença e esquecimento, ocupando um não-lugar na sociedade (SCORALICK, 2020). Em 2006, a ONU adotou a Convenção Sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, identificando que:

A deficiência é um conceito em evolução e que [...] resulta da interação entre pessoas com deficiência e as barreiras atitudinais e ambientais que impedem sua plena e efetiva participação na sociedade em igualdade de oportunidades com as demais pessoas (ONU, 2006, apud FUNDAÇÃO DORINA, 2007).

A criação de leis de inclusão, assim como a adaptação de espaços pode promover uma melhora nas experiências de vida e suas relações. Desse modo, a falta de visão poderia ser uma característica que não gerasse exclusão na sociedade, como visto nos dias atuais.

A desigualdade social é uma realidade. O Brasil foi o nono país mais desigual do mundo em 2019, segundo o índice de Gini, com 0,543 registrado naquele ano. (IBGE, 2020). O índice vai de 0 a 1 e quanto mais positivo, maior é a desigualdade entre a população. Para mudar isso, um dos instrumentos que podem fornecer subsídios é o acesso à informação. A televisão é um dos mais significativos meios de comunicação da atualidade em todo o mundo, o que faz com que o conhecimento difundido através dela chegue a milhares de pessoas. A prova disso é que, só no Brasil, 96,3% da população possui um aparelho de televisão (IBGE, 2019). A partir disso, pode-se ter em mente como o que é retratado nos grandes telejornais implica na formação da opinião pública, na percepção de acontecimentos e na visão acerca da política.

Através da codificação informação/não-informação, os meios de comunicação de massas, potencializam a comunicação referente a determinado tema, influenciando, assim, a construção da opinião pública no sentido favorável a uma determinada decisão (COLLYER, 2008).

Os meios de comunicação de massa, portanto, têm um papel central na indicação dos acontecimentos que permeiam a sociedade e influenciam, direta ou indiretamente, no cotidiano dos cidadãos. O acesso a essa informação pode moldar, portanto, desde o pensamento até as atitudes tomadas por determinado indivíduo. Em uma questão de saúde pública, por exemplo, os veículos possuem uma grande missão em transmitir as recomendações de especialistas sobre as formas de prevenção, tratamento ou cura de determinada patologia. No telejornalismo, a imagem também possui um papel fundamental na disseminação desses conteúdos, tendo em vista que é na junção entre o que é lido pelo repórter e o que está sendo exibido.

As matérias, portanto, fazem uma ligação de texto e imagem que, em conjunto, repassam ao telespectador a ideia central da informação, ou “combina a utilização simultânea de dois sentidos do ser humano, a visão e a audição”(PATERNOSTRO, 1999, p.63). Por isso, faz necessária a utilização de recursos que possam favorecer a tradução de conteúdos que podem não ser percebidos por pessoas que possuem alguma deficiência, como auditiva, visual ou intelectual. Alguns dos recursos já existentes, como a legenda oculta e a janela em Libras, auxiliam na tradução de sons e diálogos, a audiodescrição no que está sendo exibido, considerando elementos visuais.

Nesse sentido, esse recurso traz autonomia às pessoas com deficiência visual que, mesmo

sem a visualização das imagens, recebem a narração de espaços, expressões e outros elementos que podem não ser percebidos somente pelos diálogos, podendo reconhecer o contexto geral e absorver uma informação mais completa. O recurso já é obrigatório no Brasil desde 2011, tendo um cronograma para a inserção da ferramenta na programação, segundo determinação da Portaria nº 188, de 25 de março de 2010 (BRASIL, 2010). As medidas de inclusão, ao serem adotadas, permitem o ganho de conhecimento de forma mais facilitada e, assim, a plena participação na democracia, interagindo de forma ativa e gerando oportunidades igualitárias na comunidade.

O mesmo pode ser abordado em documentários, que também são uma forma de difundir informações das mais diversas áreas. O número de produções do gênero disponíveis é grande e, por eles, é possível ter alcance ao material desejado com maior aprofundamento e de maneira diferente do que seria feito em outros programas, por exemplo. Como conteúdos audiovisuais, os documentários também necessitam ser acessíveis, para que a mensagem passada possa ser melhor compreendida por todos os espectadores. Ainda, documentários podem carregar características dos diretores e das pessoas que aparecem no vídeo. Com a audiodescrição, é possível que uma pessoa com deficiência visual possa compreender e opinar sobre o material a partir de uma ampla exposição ao conteúdo, sem nenhum prejuízo em relação à pessoa com o sentido da visão. A partir disso, o objetivo deste artigo é analisar como a audiodescrição é realizada no documentário “Catadora de Gente”, dirigido por Mirela Kruehl, com a presença de Maria Tugira Cardoso. A obra é um retrato da vida de Maria, que dedica sua vida à coleta de lixo há 30 anos, e conta sua trajetória, além de apontar as desigualdades enfrentadas no Brasil. Com isso, o intuito é perceber como é feita a descrição dos personagens, se há a presença de detalhamento condizente com as expressões faciais e se essas ficam evidentes ao público. Além disso, será observada a descrição do cenário em geral, de modo a identificar se há, de fato, uma descrição verossímil. Essa análise é importante para percebermos a qualidade da audiodescrição das obras audiovisuais, utilizando esta, em especial, como parâmetro. Dessa forma pretende-se colocar, de alguma forma, no lugar do deficiente visual, de modo a tentar perceber se a compreensão das informações pode ser feita com qualidade.

Audiodescrição e acessibilidade

A audiodescrição é um recurso de acessibilidade que traduz as imagens de uma cena em palavras, permitindo que pessoas de baixa visão ou cegas possam entender melhor o conceito imagético. É considerada uma tradução, mesmo que não seja entre línguas, já que ocorre entre meios semióticos diferentes, do visual para o verbal, caracterizando uma tradução audiovisual intersemiótica (SCORALICK, 2020). As informações visuais que não aparecem em diálogos, como ambiente e expressões faciais, são retratadas ao mesmo tempo que elas surgem, nos espaços entre falas, ou sons musicais relevantes, ou seja, nos ditos silêncios da cena ou pausas de informações sonoras, como explicado por Kelly Scoralik. A AD pode ser ao vivo ou gravada e, em ambos os casos, precisa de um estudo prévio e roteiro para que o audiodescritor saiba quando se manifestar, principalmente se não for uma gravação, como espetáculos de dança e peças de teatro. No entanto, o profissional responsável por essa narração não deve emitir sua opinião sobre o que vê, além de não causar interferências, de modo a, somente relatar os acontecimentos, para que o público forme sua própria conclusão, assim como ocorre a quem enxerga a situação (PENA; FERREIRA, 2011).

Segundo Graciela Pozzobon (2008), audiodescritora profissional, ao fazer essa narração, existe a busca pela fuga das coisas abstratas e a concretização das imagens, para que a sua construção possa ser feita de forma clara no imaginário, trazendo informações importantes, seja de ambientação, sonoras ou de figurinos. Além disso, o ritmo do áudio descritivo deve acompanhar o ritmo da cena, sendo mais acelerado em um momento de ação e mais calmo caso o momento demande. A descrição não pode competir com a obra original, pois essa contém as principais informações, e deve ser feita entre as falas dos personagens para não sobrepô-las.

Em nosso país, o uso sistematizado da AD pela primeira vez ocorreu em 2003, durante o Festival Assim Vivemos: Festival Internacional de Filmes sobre Deficiência, tendo como primeiros filmes comercializados com o recurso Irmãos de Fé, de 2005, e Ensaio sobre a Cegueira, de 2008. No ano de 2007, o Festival de Cinema de Gramado e o Festival de curtas-metragem de São Paulo,

em 2006 e 2007, foram as primeiras mostras sem a temática de deficiência a exibirem filmes audiodescritivos (PENA; FERREIRA, 2011). Por lei atuante desde 2011, as emissoras de televisão brasileiras precisam ter em sua programação o recurso por, no mínimo, seis horas que, no ano de 2020, deveriam chegar a 20 horas semanais. Isso foi definido pela Portaria nº 188, de 25 de março de 2010 (BRASIL, 2010).

Dessa forma, é possível perceber a importância da audiodescrição para a inclusão das pessoas com deficiência visual na cultura e no recebimento de informações que irão contribuir para seu conhecimento, formação de opiniões, educação e desempenho do seu papel na cidadania, sendo um descaso negar a eles esse direito, assim como tantos outros (PENA; FERREIRA, 2011).

Vê-se, contudo, que a audiodescrição é um importante recurso de tecnologia assistiva que permite não só informação, mas, sobretudo, igualdade de condições às pessoas que possuem alguma limitação, especialmente aos deficientes visuais. É uma ferramenta capaz de materializar alguns dos direitos a todos garantidos constitucionalmente, a exemplo do direito de ir e vir, do direito à liberdade, ao lazer e à informação, entre tantos outros. Assim, pode-se considerar evidente afronta a tais princípios negar a uma pessoa com deficiência visual o direito de, por si só, decidir quando assistir à programação da televisão ou mesmo a um DVD, e ainda não poder escolher quando ir ao cinema (PENA; FERREIRA, 2011, p. 64)

Baseando-se em Pena e Ferreira, é possível entender um pouco mais do porquê a ferramenta de AD está presente na lei e deve ser inserida na programação de televisão e disponível, também, nos cinemas. Os direitos devem ser cumpridos para diminuir a disparidade de vivências que cada pessoa possui, embasado em condições que fogem de seu controle. Com a inclusão, se tem o objetivo de inserir o visto como diferente nas diversas esferas da vida em sociedade, com base no entendimento de que, independente de raça, orientação sexual, etnia, condição física e mental, todos os seres humanos devem usufruir dos mesmos direitos (SCORALICK, 2017).

Acessibilidade e audiodescrição em documentários

Segundo Cristina Melo (2013), o gênero documentário não pode ser definido a partir de tipos textuais fixos como a narração e a dissertação, nem por estereótipos, mas se caracteriza por suas particularidades. Ocupa uma posição ambígua na história por recorrer a métodos do cinema - como uso de planos de enquadramento, produção, iluminação - e, ao mesmo tempo, manter uma relação próxima com a realidade. A autora afirma que uma das maiores diferenças entre filmes e documentários é que, neste último, a história a ser contada e o roteiro vão mudando conforme o andamento da sua produção.

[...] o percurso para a produção do documentário supõe uma liberdade que dificilmente se encontra em qualquer outro gênero. Um documentário é construído ao longo do processo de sua produção. Mesmo existindo um roteiro, o formato final somente se define com as filmagens, a edição e a montagem (MELO, 2013, p. 26).

Ainda, as filmagens documentais são imperfeitas, os personagens são reais e os diálogos imprevisíveis, não podendo ser previamente roteirizados. Como dito pelo crítico e teórico de cinema Bill Nichols (2005, p.48) “A prática do documentário é uma arena onde as coisas mudam. Abordagens alternativas são constantemente tentadas e, em seguida, adotadas por outros cineastas ou abandonadas. Existe contestação”. A possibilidade de ocorrerem variações é enorme, mas permite que sua construção seja feita de diversas formas, com locutor ou apenas com depoimentos, com recurso de reconstituição, apresentando documentos históricos. No entanto, a característica predominante é o discurso pessoal de um evento, sendo priorizadas a verossimilhança e evidências

factualis (MELO, 2013).

O documentário interpreta e retrata acontecimentos decorridos no passar dos anos, se aproximando, assim, do jornalismo. Através dele, assim como com matérias jornalísticas, esperamos encontrar uma fonte de informação. “As informações obtidas por meio do documentário ou da reportagem são tomadas como ‘lugar de revelação’ e de acesso à verdade sobre determinado fato, lugar ou pessoa” (MELO, 2013). Nichols afirmou que a ideia de “aula de história” funciona como uma característica desse gênero, e os espectadores esperam descobrir novas possibilidades de mundo, aprender ou se emocionar, indo ao seu encontro para saber mais acerca do mundo.

Estimulam a epistemofilia (o desejo do saber) no público. Transmitem uma lógica informativa, uma retórica persuasiva, uma poética comovente, que prometem informação e conhecimento, descobertas e consciência. O documentário propõe a seu público que a satisfação desse desejo de saber seja uma ocupação comum (NICHOLS, 2005, p. 70).

Tomando por base o que foi apontado até aqui, pode-se concluir que a audiodescrição em documentário é de suma relevância para inteirar a comunidade cega e dar acesso a diferentes formas de informação. Para isso, o audiodescritor deve olhar a obra com antecedência, visualizando seu roteiro e percebendo onde melhor se encaixa a narração descritiva e o que ela deve descrever com base no que será mais relevante ser abordado para a melhor compreensão da mensagem geral.

Acessibilidade no documentário Catadora de Gente

A partir de agora, será trabalhada a importância da acessibilidade em documentários, tomando como base um curta-metragem específico, para que, através do conhecimento dele e de sua análise, se possa observar como se dá a audiodescrição e se ela fornece elementos que facilitem a compreensão do público.

O documentário escolhido é intitulado *Catadora de Gente*. Produzido no Brasil em 2018, é dirigido por Mirela Kruehl e conta com cerca de 18 minutos. Está disponível ao público em formato digital, em plataformas como o Youtube. *Catadora de Gente* se concentra no depoimento de Maria Tugira Cardoso - sendo a única narradora da obra -, uma mulher que se dedica à catação de lixo há mais de 30 anos na cidade de Uruguaiana, no Rio Grande do Sul, que faz fronteira com a Argentina. Durante as cenas, que variam de imagens utilizadas para contextualizar a história até, principalmente, seu rosto e expressões enquanto fala, Maria faz seu relato sobre como cresceu e, sem oportunidade ou estudo, trabalhou desde nova com a criação de gado. Depois, foi morar com outras famílias para atuar como babá e, mais tarde, passou a ser catadora no lixão da cidade. Ela discorre sobre momentos de sua vida de forma lúcida e muito clara. Mais tarde, surge a informação que passou a estudar e lutar por seus direitos através da leitura que fazia de livros encontrados no lixo. A narrativa vem de alguém que, notoriamente, tem conhecimento e local de fala, detalhando problemas que abrangem todo o país, não se restringindo à realidade de Tugira. O documentário ganhou o prêmio de Melhor Filme do Público no 29º Festival Internacional de Curta-metragens de São Paulo e Maria Tugira Cardoso o prêmio de Melhor Atriz em Curta-metragem do Festival de Cinema de Gramado no ano de 2018.

Para analisar essa obra e a forma como a audiodescrição foi empregada utilizaremos o método observacional, que faz o uso dos sentidos para descobrir e entender relações e fenômenos. A partir da observação, pode-se trabalhar a atividade mentalmente, com o intuito de entender a existência e serventia do objeto. Segundo Antonio Carlos Gil, essa é a ferramenta usada em larga escala nas ciências sociais.

O método observacional é um dos mais utilizados nas ciências sociais e apresenta alguns aspectos curiosos. Por um lado, pode ser considerado como o mais primitivo, e consequentemente o mais impreciso. Mas, por outro lado, pode ser tido como um dos mais modernos, visto ser o que possibilita o mais elevado grau de precisão nas ciências sociais. Tanto é que em Psicologia os procedimentos de observação são freqüentemente estudados como próximos aos procedimentos experimentais. Nestes casos, o método observacional difere do experimental em apenas um aspecto: nos experimentos o cientista toma providências para que alguma coisa ocorra, a fim de observar o que se segue, ao passo que no estudo por observação apenas observa algo que acontece ou já aconteceu (GIL, 2008, p. 16).

Através desse método, observando a audiodescrição feita em diversas partes do documentário *Catadora de Gente*, veremos o que ela aborda, em quais momentos é empregada e se, por meio do recurso, é possível construir uma imagem que possa corresponder à mostrada na tela.

No curta, a AD já é inserida logo nos primeiros segundo de vídeo, surgindo para introduzir a imagem inicial que irá aparecer. O locutor possui uma voz que pode ser identificada como masculina e, fazendo uma breve pesquisa, há conhecimento de seu nome, Rodrigo Sacco Teixeira. Ainda quando a tela está preta, no começo da obra, ele narra que, sob uma luz clara, é vista uma senhora de ombros para cima e, rapidamente, ao fim de sua fala, Maria surge, dando seu primeiro depoimento. Essa inserção é considerada pertinente pois, apesar de não dar muitos detalhes sobre as características físicas da personagem, utilizou os momentos de tela vazia, que não acrescentam experiência as pessoas sem deficiência visual, para iniciar a contextualização da imagem, demonstrando que o cenário conta com apenas uma pessoa e o plano está fechado e focado no rosto dela. Logo após, o audiodescritor faz uso de uma pequena pausa na primeira fala de Maria para trazer mais particularidades da mulher, informando que, enquanto pronuncia as palavras, seus olhos castanhos brilham.

Aos dezesseis segundos, o título do documentário surge em letras brancas sobre um fundo preto e, ao mesmo tempo que esta imagem é vista, também é descrita desta forma. Além disso, há a realização da leitura das palavras, tornando público aos ouvintes o nome “*Catadora de Gente*”.

Figura 1. Abertura do documentário *Catadora de Gente*



Descrição: Na tela preta, o título em letras brancas, *Catadora de Gente*.

Fonte: Reprodução/Youtube.

Na segunda cena do filme, prontamente notam-se muitos elementos - podendo esta ser considerada a que possui mais componentes em seu entorno -, um fato curioso para a análise, pois o narrador deve escolher que itens irá incluir na fala, levando em consideração sua relevância para a formação do espaço no imaginário e entendimento da mensagem que quer ser passada. Ele ambienta a imagem, apontando que é a sala de uma casa de madeira e citando os diversos elementos presentes no seu entorno, sem dar destaque a especificidades, como de que modo são as fotografias em porta retratos ou os posters na parede. A ênfase fica sobre a mulher negra sentada

sozinha à mesa, enquanto dá corda em uma caixa de música. Ali, detalhes como o dedo girando lentamente o mecanismo e como a cena se fecha na caixa de música, mostrando ser uma máquina de costura preta na qual, conforme o movimento feito pela mulher, a agulha sobe e desce. Aqui, mesmo que elementos tenham que ser escolhidos para ganhar espaço de fala, os objetos descritos são assim feitos de forma coerente, repassando as cores, como o volante da máquina de brinquedo, que é dourada e fica do lado oposto da agulha, além de sinalizar a saída da câmera do plano aberto e o foco nesse objeto. Pode-se notar, então, que escolhas devem ser feitas na audiodescrição. Como o tempo entre falas geralmente é curto, a seleção do que entrará na narração é pensada para caber nesse espaço e, ainda assim, elucidar a cena para o espectador, apontando o que realmente possa trazer elementos para a formação do imaginário e contribuam para a qualidade do entendimento, como, nesse caso, a cortina que separa o cômodo, a luz entrando pela janela e, obviamente, o episódio principal citado acima.

Figura 2. Mulher na sala de uma casa de madeira



Descrição: Na sala de uma casa de madeira uma mulher negra mais jovem está sentada sozinha à mesa, da corda em uma caixa de música, atenta e lentamente vai girando com um dedo o mecanismo da caixa. Nas paredes claras, posters, porta retratos, bichinhos de pelúcias. Do teto, pendem dois mobilis de garrafa pet. Em um balcão e em uma estante, muitos objetos decorativos, a luz do dia entra por uma pequena janela. O cômodo está dividido por uma cortina branca.

Fonte: Reprodução/Youtube.

Quase de imediato é percebido que a audiodescrição utiliza os intervalos sem falas para narrar as imagens, e esses períodos são utilizados de forma pertinente, passando o quanto de informação for possível. Em alguns poucos trechos, a voz do descritor sobrepõe letras da palavra final de uma frase, o que não compromete o entendimento de nenhuma das duas vozes e agrega, em alguns segundos, a somatória da sua fala. No restante, o discurso de Maria é respeitado, deixando que a atenção recaia sobre a mensagem transmitida. Ao final do documentário, temos um pequeno texto sobre a personagem e os créditos. Nesse momento, é esclarecido ao público com deficiência visual que a tela escurece e surge um trecho em letras brancas, que é lido e, posteriormente, no romper dos créditos, esses são ditados fora de ordem, selecionando os nomes principais, pois o tempo é inferior ao necessário para que todos eles sejam referidos.

Quanto à aparência e movimentação das personagens presentes na obra, sejam elas Maria Tugira, a principal e narradora, ou as que estão em cenas a fim de complementar o sentido geral do filme, essas são feitas ao longo do surgimento de cada uma. Depois de sabermos dos olhos castanhos brilhantes de Tugira, mais a frente é informado sobre sua pele negra, cabelos brancos e o uso de uma roupa com tons lilás, sem demarcar a estampa e seus formatos, a tiara em sua cabeça também é apresentada: preta com bolinhas brancas. Sua pele é lisa e sem muitas marcas quando é iluminada pelo sol. Da outra personagem, a qual não se tem conhecimento do nome, é apontado apenas que usa uma blusa preta, tem cabelos crespos curtos e para onde seu olhar está direcionado. Esse direcionamento é mencionado em inúmeras cenas, incluindo quando Maria

olha para um interlocutor que não está presente no enquadramento. Ademais, fala-se de quando ocorrem sorrisos, movimentos negativos com a cabeça, instantes em que o olhar é abaixado e volta ao interlocutor e as mudanças de expressão. Também abrange a sensação tida ao ver a mulher, que possui um ar sereno e afetuoso. Todas essas inserções são realizadas ao longo do documentário, e não todas de uma única vez, de forma que sobrecarregasse um pequeno trecho de pausa. Aos poucos, o ouvinte inteira-se das características físicas das mulheres, à medida que a AD considera relevante e que as imagens permitam. Dessa forma, a fluidez da audiodescrição é garantida e o entendimento facilitado.

Figura 3. Maria Tugira dando seu depoimento



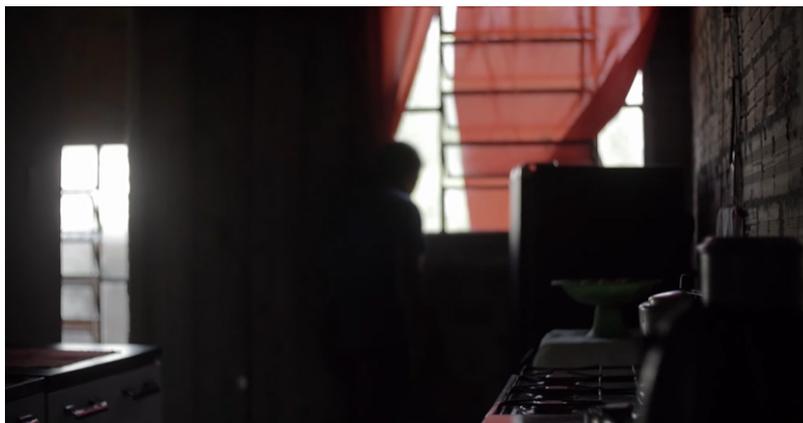
Descrição: Baixa o olhar.

Fonte: Reprodução/Youtube.

As cenas, ambientes e espaços que aparecem durante o decorrer do documentário são sinalizados. Entre um ponto e outro, em alguns momentos, a tela escurece e a audiodescrição traz essa indicação, informando o escurecimento e entrando com o relato da cena a seguir. Quando a luz traz ambientação a imagem, essa também é noticiada, demarcando se há penumbra, luz do dia ou um único ponto de luz ao fundo, como é o caso em uma cena ao um minuto e quarenta. Para mais, os ambientes são narrados. A AD comunica qual o local e suas características conforme vão surgindo na tela; a gruta onde uma mulher está, uma cozinha com geladeira, fogão, cortina vermelha, o céu em tons de lilás sob o qual corre um canal de margens arborizadas, uma garrafa pet azul nessa margem juntamente com galhos, a paisagem do pôr do sol emoldurada por cabos de energia e telhados de casa, além de copa de árvores. Todas essas cenas são elucidadas acertadamente, tornando o público capaz de compreender as imagens.

É importante destacar que em *Catadora de Gente* a audiodescrição torna conhecido do espectador com deficiência visual alguns movimentos de câmera expressivos, assim como ângulos. Aos dois minutos e trinta e seis segundos, uma mulher aproxima-se da janela de uma cozinha, a cena está desfocada e o narrador demarca isso. Mais adiante, e aos poucos, a imagem ganha nitidez, o que também é apontado, além de distinguir o que está em primeiro plano ou mais ao fundo e a cor de alguns objetos. Por vezes, a descrição usa palavras como “demoradamente” para salientar quando a mulher fixa o olhar em uma única direção. Esse notável detalhamento torna a experiência ainda melhor para quem faz uso da audiodescrição, uma vez que, sem a narrativa sobre como a imagem está construída, teria-se a impressão de algo estático e no mesmo plano.

Figura 4. cena desfocada de uma mulher na cozinha



Descrição: Em câmera lenta, a cena desfocada de uma mulher que se aproxima da janela de uma cozinha. A luz do dia atravessa a cortina vermelha entreaberta. A mulher pára na janela e observa o lado de fora. A cena vai ganhando nitidez. As paredes são de tijolo aparente. Em primeiro plano, potes e um fogão, ao fundo, perto da janela, uma fruteira verde e uma geladeira escura.

Fonte: Reprodução/Youtube.

Para finalizar, notamos que a audiodescrição não sinaliza os cortes de câmera, ou seja, quando há transição de uma imagem para outra. Na cena do canal corrente e sua margem, este aparece em um plano aberto, com o céu ao fundo e as margens arborizadas. Logo após, há um corte para um pequeno espaço da margem com galhos e uma garrafa pet azul. Nesse momento, o corte não é sinalizado e pode ficar a impressão que não houve esse recorte e a garrafa é vista no plano aberto. A troca fica subentendida, assim como alguns elementos. Exemplo disso é o foco em um quadro da santa ceia em uma parede de tijolos; o quadro é descrito dessa forma, apenas como santa ceia, pressupondo que o ouvinte saiba como é a ilustração. Também, a voz de Maria, narradora e personagem do documentário, em determinados instantes, surge sobre as imagens, sem a sua presença, o que não é demarcado. Entretanto, acredita-se que esse detalhe não interfira no entendimento geral do produto.

Considerações Finais

A inclusão e a acessibilidade, além da adaptação de espaços e criação de leis, são importantes para melhorar a vida e as relações da população que possui algum tipo de deficiência, diminuindo a exclusão social ou intelectual desses cidadãos. No caso da deficiência visual, a audiodescrição - recurso que traduz imagens em palavras, proporcionando um maior entendimento do conceito imagético por pessoas de baixa visão ou cegas -, que é considerada uma tradução, possibilita a inserção do sujeito na cultura e no recebimento de informação, promovendo a construção do conhecimento, a educação e exercendo esses direitos. Em documentários, essa ferramenta também se faz necessária, uma vez que esse gênero retrata acontecimentos e se aproxima do jornalismo, sendo, também, uma fonte de informação.

Isto posto, fundamentado na observação dos cerca de dezoito minutos do documentário *Catadora de gente*, concentrando-se na audiodescrição ali presente, foi possível notar que ela é empregada de acordo com a obra, respeitando as falas da personagem, e de forma funcional. Os traços e características da protagonista vão sendo narrados aos poucos, já que ela surge inúmeras vezes, para não sobrecarregar pequenos trechos ou realizar uma descrição muito rápida e de difícil compreensão. Ademais, como mostrado na figura 4, o audiodescritor narra as especificidades, como a cena desfocada que vai ganhando nitidez e o que está em cada plano, além de, em outro momento, demarcar que a mulher encontra-se em uma local de pouca iluminação, na penumbra. Dessa forma, a experiência e o recebimento da mensagem pelas pessoas com deficiência visual é

feita de forma qualificada, aumentando as chances de uma maior compreensão.

Alguns pontos, no entanto, poderiam ser mais aprofundados. Existem instantes, no decorrer do documentário, que teriam potencial para que acontecimentos e informações fossem destacadas, como a inserção de avisos e troca de cenas e detalhamentos mais profundos. Há um episódio, por exemplo, em que uma mulher - que não é identificada - está sendo mostrada de perfil no interior de uma gruta, com o enquadramento fechado em seus ombros. Em segundos, essa cena muda para ela de costas e com um enquadramento diferente, mostrando um pouco mais da gruta. Essa mudança não é informada e somente o ponto de luz em sua frente é narrado. No entanto, na visão geral, a audiodescrição na obra está bem aplicada e gera um bom entendimento para o público alvo, sendo possível recriar as cenas no imaginário e assimilar a mensagem passada através do documentário.

A audiodescrição é uma ferramenta importante que descreve imagens em palavras possibilitando, assim, a inclusão. Com isso, pode-se concluir que a AD é extremamente necessária, seja em documentários, no jornalismo ou na mídia de maneira geral. Através dela, a população com deficiência visual pode garantir a sua autonomia ao consumir conteúdos audiovisuais, envolvendo-se nas temáticas e possibilitando a igualdade. No documentário analisado, ela foi implementada de maneira pertinente, sendo introduzida em lacunas de som cabíveis a ela e narrando características, ações e movimentos que realmente contribuíram para a compreensão do que estava sendo ali mostrado. O fato do audiodescritor expor atributos de Maria, como sua cor de pele, cor de cabelo e roupas, ao decorrer do filme e não implementando o conjunto em uma única fala, fez com que a AD fosse mais fluída e não sobrepusesse a voz da personagem. As imagens de natureza, cômodos de casa e de outras personagens também foram bem colocadas, agregando-se à mensagem final passada pela obra. Apesar das pequenas melhorias sugeridas, essa ausência de detalhes, talvez, não influencie no entendimento geral, mas atuaria como uma melhoria na implementação de ainda mais detalhes para as pessoas com deficiência visual.

Referências

COLLYER, F. R. S. O espetáculo do telejornal e a (re)construção da opinião pública sob a perspectiva Luhmanniana. **Revista Jus Navigandi**, Teresina, 2018. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/66937>. Acesso em: 7 jun. 2021.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2010. **Deficiência Visual**. 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0&cat=-1,-2,-3,128&ind=4642>. Acesso em: 25 abr. 2021.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Uso de internet, televisão e celular no Brasil**. 2019. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html>. Acesso em: 25 abr. 2021.

MELO, C. T. V. de. **O documentário como gênero audiovisual**. 2013. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/ci/article/view/24168> Acesso em: 26 abr. 2021.

MINISTÉRIO DAS TELECOMUNICAÇÕES. **Portaria 188**. De 24 de março de 2010. Disponível em: <http://www.portaldeacessibilidade.rs.gov.br/legislacao/4/388> Acesso em: 25 abr. 2021.

NICHOLS, B. **Introdução ao documentário**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2005.

ONU. **Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência**. 2006. APUD FUNDAÇÃO DORINA NOWILL PARA CEGOS. 2007. Disponível em: <https://fundacaodorina.org.br/a-fundacao/deficiencia-visual/convencao-da-onu-sobre-direitos-das-pessoas-com-deficiencia/> Acesso em: 24 abr. 2021.

PATERNOSTRO, V. Í. **O texto na TV**: manual de telejornalismo. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

PENA, M. dos A. L.; FERREIRA, F. F. **O direito dos deficientes visuais à audiodescrição**. 2011. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/ccsa/article/view/1966> Acesso em: 23 de abr. 2021.

POZZOBON, G. **Audiodescrição**. Entrevista ao Programa do Jô. 2008. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2812698/#:~:text=Ela%20descreve%20obras%20de%20fic%C3%A7%C3%A3o%20para%20deficientes%20visuais>. Acesso em: 24 abr. 2021.

SCORALICK, K. **Audiodescrição no telejornalismo**: a inclusão das pessoas com deficiência visual por meio da descrição de imagens. 2020.

IBGE. Síntese de Indicadores Sociais: em 2019, proporção de pobres cai para 24,7% e extrema pobreza se mantém em 6,5% da população. Agência IBGE Notícias, 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/29431-sintese-de-indicadores-sociais-em-2019-proporcao-de-pobres-cai-para-24-7-e-extrema-pobreza-se-mantem-em-6-5-da-populacao>. Acesso em: 18 jul. 2021.

Recebido em 18 de novembro de 2021.

Aceito em 29 de julho de 2022.